

Freud, a concepção do Descentramento e a Física Moderna

Lino Machado
(Universidade Federal do Espírito Santo)
lino@npd.ufes.br

1. A dívida parcial de certa reflexão freudiana para com a física clássica pré-einsteiniana

Em 1916 e 1917, Sigmund Freud proferiu as *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, as quais estão entre os seus textos mais lidos. No final da XVIII Conferência (“Fixação em traumas – O inconsciente”), há uma página cheia de implicações filosóficas, que diz respeito à posição dos homens no interior do cosmo, do reino animal e, para nada ficar em falta, de si mesmos. Esta página seria expandida em cerca de sete outras, publicadas ainda em 1917, no periódico húngaro *Nuygat*, sob o título “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”.

Abordando a problemática dos traumas no contexto da Primeira Guerra Mundial, Freud encerra a sua mencionada XVIII Conferência com a lembrança de dois grandes golpes no *homo sapiens*, aos quais ele acrescenta uma nova pancada, desferida agora pela psicanálise, ou seja, pela sua pessoa autoral (reforçada com o prestígio adquirido ao liderar um movimento ainda na vanguarda das ideias), que igualmente vem afligir o amor próprio, o narcisismo do gênero humano.

Golpe inicial, na visão de Freud:

O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o *centro do universo*, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece *conexão*, em nossas *mentes*, com o

nome de Copérnico, embora algo de semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria¹.

Baque seguinte, na versão de Freud:

O segundo golpe foi dado quando a *investigação biológica* destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada [...] por *Darwin, Wallace* e seus predecessores, embora não sem a mais *violenta oposição* [...]².

Terceiro choque, oriundo agora do tinteiro afiado do próprio Freud:

Mas a megalomania humana terá sofrido o seu terceiro golpe, o *mais violento*, a partir da pesquisa psicológica [...] que procura provar [a]o ego que ele não é senhor nem mesmo *em sua própria casa*, devendo, porém, contentar-se com *escassas informações* acerca do que acontece *inconscientemente* em sua mente³.

À última pancada, o autor ajunta:

Os *psicanalistas* não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia, parece ser *nosso destino* [...] apoiá-la com material empírico que é encontrado em *todas as pessoas*. Em consequência, surge a *revolta geral contra nossa ciência*, o desrespeito contra todas as noções de civilidade acadêmica⁴.

Com elegância, Freud não cita o seu próprio nome neste contexto da XVIII Conferência, como citara os de Copérnico, Darwin e Wallace. O decoro do pensador austríaco, todavia, não deve impedir-nos de supor um duplo desejo organizando as palavras da página final (lugar privilegiado, “coda”) da Conferência em exame: o de associar, de um lado, a psicanálise a ciências (“não humanas”) como a física e a biologia e, de outro, o de conectar o (implícito) nome próprio de Freud aos de Copérnico, Darwin e Wallace, como desbravadores de temas que os homens em geral prefeririam manter em silêncio. Desejo duplo: institucional e pessoal ao mesmo tempo, legitimamente narcísico, aliás.

Na modernidade e na pós-modernidade do século XX (a partir do estruturalismo e do pós-estruturalismo), o que viria a ser denominado

¹ Sigmund Freud, *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Vol. XVI. Trad. José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 2006a, 292, destaques nossos.

² Sigmund Freud, op. cit., 2006a, 292, destaques nossos.

³ Sigmund Freud, op. cit., 2006a, 292, destaques nossos.

⁴ Sigmund Freud, op. cit., 2006a, 292, destaques nossos.

descentramento não deixou de prender-se ao entrelaçar de signos onomásticos efetuado antes, com mão de mestre, por Freud: o emaranhamento do seu patronímico, da obra cuja paternidade era sua, aos dos pais de famosas teorias do passado (e mesmo do futuro, em diálogos póstumos com os eventuais “Freuds” do devir e os seus discípulos, numa “conexão, em nossas mentes, com o nome de” quem quer que consiga fazer-se associado a uma façanha mental da espécie). O que, afinal das contas, é o que se entende como autoria, no sentido forte da palavra – ou era, posta que foi sob suspeita por (anti)autores como Roland Barthes e Michel Foucault⁵ (paradoxalmente hiper-autorais em alguns dos textos que assinaram) e os seus herdeiros, que tentaram limar os pedestais nos quais, em geral, os criadores são colocados, sejam exploradores das psiques, dos átomos ou de quaisquer outros domínios. Como veremos, Foucault não deixará de ser fiel, em parte, ao criador da psicanálise, ao intitular “Nietzsche, Freud, Marx” uma conferência da sua lavra, no Colóquio de Royaumont (julho de 1964). Com certeza, Sigmund apreciaria ler o seu patronímico ladeando o de Friedrich, mas é duvidoso que se entusiasmasse vendo-o em companhia do de Karl⁶.

Abordemos agora o artigo publicado no periódico *Nuygat*.

Em “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, Freud trata do embaraço do ego em lidar com a “vida instintual da mente”, de acordo com tudo o que a sua “teoria da libido” descobrira. Em muitas ocasiões, o mesmo ego, sentindo-se ameaçado pelas pulsões eróticas, coloca-se “na defensiva” e “nega aos instintos sexuais a satisfação que almejam”⁷. Tentando libertar as pessoas desses distúrbios, Freud percebeu um fato com valor geral: uma “distribuição primeva da libido dos seres humanos”.

⁵ Referimo-nos, sobretudo, a Roland Barthes, “A morte do autor”. In: *Rumor da língua*. Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987, 49-53 e Michel Foucault, *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. [S.l.]: Passagens, 1992, passim.

⁶ Não por acaso, no belo prefácio que escreveu para a sua antologia de textos ligados ao estruturalismo, Eduardo Prado Coelho acrescentou Marx à problemática do descentramento. Influenciado por Foucault, o importante teórico e crítico português associou o nome do autor de *O capital* aos do pai da psicanálise e de Nietzsche. Cf. Eduardo Prado Coelho, “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos”. In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Trad. Maria Eduarda Reis Colares et al. Lisboa: Portugal, 1968, I-LXXV, esp. XXXIX.

⁷ Sigmund Freud, *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Vol. XVII. Trad. José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 2006b, 148.

Fomos levados a presumir que, no início do desenvolvimento do indivíduo, toda a sua libido (todas as tendências eróticas, toda a sua capacidade de amar) está vinculada a si mesma – ou, como dizemos, catexiza o seu próprio ego. É somente mais tarde que, ligando-se à satisfação das principais necessidades vitais, a libido flui do ego para os objetos externos. [...] Para a libido, é possível desvincular-se desses objetos e regressar [...] ao ego⁸.

Dessa percepção do ir e vir da libido, Freud dá um salto conceitual para o “narcisismo *universal* dos homens”, o seu “amor-próprio”, que “sofreu até o presente três severos golpes por parte das *pesquisas científicas*”⁹, entre as quais ele inscreveu as da psicanálise, desde a redação da XVIII Conferência. E sabemos que na sua derradeira página foram recordados os onomásticos Copérnico, Darwin e Wallace, sendo que os dois primeiros retornarão ao artigo presente (com o acréscimo do nome do alexandrino Aristarco de Samos ao de Copérnico).

Em alíneas (a), (b) e (c), Freud retomará a trinca de golpes no que agora classifica de “ilusão narcísica” dos homens como um todo: um baque “associa-se, em nossas mentes, com o nome e a obra de Copérnico” (redação muito semelhante à já fixada na XVIII Conferência), cujo heliocentrismo fora antecedido pelo de Aristarco, que “havia declarado que a Terra era muito menor que o sol e movia-se ao redor deste corpo celeste”¹⁰; outro baque veio com “as pesquisas de Charles Darwin”, que puseram fim à presunção do homem de “colocar um abismo entre a sua natureza e a dos animais”¹¹; por fim, o que “talvez seja o que por natureza *mais fere*”¹², o da psicanálise, naturalmente. Por ordem retrospectiva, aguentemos um “golpe cosmológico”, um “golpe biológico” e um “de natureza psicológica”: somos retirados do centro do universo, expulsos do centro da natureza e confrontados com o “labirinto de impulsos” das nossas mentes. Tríade de desgraças, que, caindo dos céus mais elevados, chega ao interior das cabeças que os observam.

Nos anos 1960, em “Nietzsche, Freud, Marx”, como dissemos, Michel Foucault retomará esses textos freudianos, sobretudo o de 1917, sem nomeá-los: “Freud fala, em algum lugar, que há *três grandes feridas narcísicas* na cultura ocidental”, afirmativa a que Foucault acrescenta um interessante comentário em forma de indagação retórica (erótema):

⁸ Sigmund Freud, op. cit., 2006b, 148.

⁹ Sigmund Freud, op. cit., 2006b, 149, destaques nossos.

¹⁰ Sigmund Freud, op. cit., 2006b, 149.

¹¹ Sigmund Freud, op. cit., 2006b, 149.

¹² Sigmund Freud, op. cit., 2006b, 149, destaques nossos.

Eu me pergunto se não seria possível dizer que Freud, Nietzsche e Marx, nos envolvendo em uma tarefa de *interpretação que sempre se reflete sobre si mesma*, constituíram à nossa volta, e para nós, esses *espelhos*, de onde nos são enviadas as imagens, cujas figuras inesgotáveis formam o *nosso narcisismo atual*¹³.

Foucault, entretanto, não se responde (de modo *direto*, ao menos), seguindo por outra via, em seu texto (“Em todo o caso...”). No caso presente, somos tentados a responder por ele, aproveitando a sua questão, mas de um modo que o filósofo francês talvez desautorizasse.

Sim, parece-nos aqui haver uma “interpretação que sempre se reflete sobre si mesma”, em “espelhos” nos quais o “nosso narcisismo atual” (já velho, num pós-1960 de terceiro milênio), mais do que “formar-se”, repete-se, e tudo isto – fermentos narcisistas requentados, tornados clichês intelectuais sem qualquer poder de subversão, vulgata fácil de referir ou repetir, trabalho de exegese que segue auto-espelhando-se – está enredado com uma visão mais antiga, mas renitente, da realidade: o seu nome é física clássica newtoniana, ou melhor, *certa cosmovisão que passou a acompanhá-la*. O livro *O campo*, de Lynne McTaggart, contém uma boa descrição do que ela seja:

[...] Tudo que acreditamos a respeito do nosso mundo e do lugar que ocupamos nele deriva de ideias formuladas do [sic] século XVII [por Isaac Newton, sobretudo], mas que ainda compõem a espinha dorsal da ciência moderna – teorias que apresentam todos os elementos do Universo como sendo *isolados uns dos outros, divisíveis e de todo independentes*.

Essas concepções, em sua essência, criaram uma visão de mundo de *separação*. Newton descreveu um mundo material em que as partículas individuais da matéria seguem certas leis de movimento através do espaço e do tempo, ou seja, o Universo como uma máquina. [...]

Esse mundo de *separações* deveria ter sido destruído¹⁴ de uma vez por todas pela descoberta da física quântica [e da teoria da relatividade] na primeira parte do século XX¹⁵.

¹³ Michel Foucault, “Nietzsche, Freud, Marx”. In: *Ditos e escritos II*. 2ª ed. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 43, destaques nossos.

¹⁴ Há exagero aqui, se considerarmos a dimensão do Universo que habitamos, na nossa escala humana, na qual a Física de Newton atua muito bem, embora não em escalas maiores, envolvendo objetos muito grandes e massivos e velocidades mais altas, nas quais os conceitos de Einstein (teoria da relatividade geral) são necessários. A cosmovisão de tal física é que precisa ser superada de uma vez por todas, nos domínios do cotidiano, não apenas nos da ciência – ou nos do chamado “misticismo quântico” ou nos dos seguidores da Nova Era (New Age)...

¹⁵ Lynne McTaggart, *O campo*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 2008, 16 e 18, destaques nossos.

Esta concepção, inclusive em parcela dos meios intelectualizados, prossegue impondo, quando não uma visão apenas determinista dos fatos, um modelo de “separabilidade” das coisas, uma noção de tempo dissociada fisicamente da de espaço (este é apenas o palco onde aquele transcorre), etc. Exagero? A quem Freud recorreu para expor o nosso hematoma cosmológico, senão a Copérnico, um dos iniciadores da mesma cosmovisão clássica, revolucionada por Einstein e pelos (demais) físicos quânticos? Certo, em 1916-17 ele apenas podia proceder assim, por razão óbvia de constituição e divulgação lenta da física moderna¹⁶. Quanto a nós, não temos mais tal (boa) desculpa.

Interessante como Freud elaborou o seu argumento já “descentrante” por meio de três “círculos concêntricos” (digamos assim): o cosmológico, o da vida e o da psique (“casa” em que o ego já não é o senhor, na metáfora arquitetônica do autor de *Psicopatologia da vida cotidiana*). De modo inadvertido, eles formam um autêntico mandala, mas de um jeito paradoxal: um mandala que, ao contrário dos tradicionais, que simbolizam totalidade e ordem, enfatiza o completo desamparo do sujeito. Coloquemos em questão o primeiro dos “círculos”, parece-nos que o mais poderoso deles, *não egocentricamente falando*.

Num dos seus textos de divulgação científica, o bioquímico e ficcionista Isaac Asimov propôs-se a pergunta: “Existe um centro do universo?”. Resposta dada:

Apesar de todas as evidências, o fato é que *não existe tal centro do universo*, porque a expansão do universo não ocorre no costumeiro *padrão tridimensional*, mas num *quadrimensional*, o qual inclui, além das *três dimensões normais do espaço comum* (comprimento, largura e altura), a *quarta dimensão do tempo*. É difícil imaginar uma expansão em quarta dimensão [...].

[...] o local no universo em que a expansão *se iniciou* não está *em nenhuma parte do espaço tridimensional* do universo que podemos percorrer, mas *bilhões de anos no passado*, e não podemos visitá-lo, embora tenhamos *informações* a seu respeito [...].¹⁷

¹⁶ Para evitar qualquer absurdo anacronismo aqui, frisemos: a teoria da relatividade restrita ou especial foi apresentada por Einstein ao mundo em 1905; a geral, em 1916; embora iniciada em 1900 por Max Planck, a mecânica quântica se estruturou de maneira mais completa tão-só em 1927, com a chamada Escola de Copenhague, liderada por Niels Böhr.

¹⁷ Isaac Asimov, *111 questões sobre a terra e o espaço*. Trad. Ieda Morriya. São Paulo: Best Seller, Círculo do Livro, [s.d.], 259, destaques nossos.

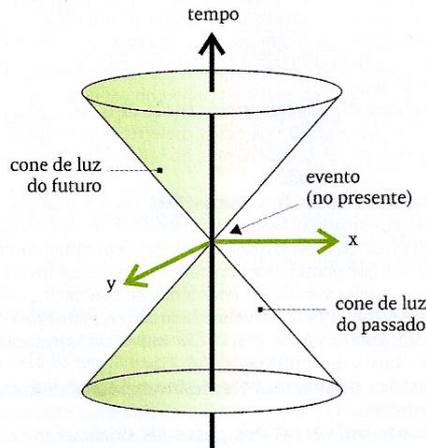
Estamos fora do “centro do universo”, segundo o Freud copernicano; todavia, de acordo com o juízo do Asimov (implicitamente) einsteiniano, o cosmo atual é de outro modo descentrado (ou *multicentrado*, como notaremos adiante, com o auxílio dos físicos Lawrence M. Kraus e Roger Penrose, o que muda um bocado de coisas, em matéria de consideração da realidade). O que decorre daí? Ora, muito do *pathos* intelectual do descentramento, verdadeiro drama laico em que não deixa de haver uma nova “queda” da humanidade como um todo, perde a razão de ser, “desdramatiza-se”, uma vez que agora *não parece existir em parte alguma a centralidade cosmológica tridimensional* (ou mesmo algo como a sua *ausência*, em termos de *mera tridimensionalidade*) de que teríamos sido despejados ou em cujo interior um dia (que durou séculos) tivemos a ilusão de habitar. De fato, por causa de, na aparência, o sol, a lua e mais alguns astros moverem-se sobre as cabeças dos humanos, os quais não viam o chão sob os seus pés movimentar-se junto com os objetos celestes, ao menos desde a Antiguidade eles acreditaram na miragem do geocentrismo, já implícito na filosofia de Anaximandro de Mileto, que supunha fosse a Terra uma coluna cilíndrica, flutuando no centro de tudo. No Ocidente pagão, nomes como Eudoxo de Cnide, Platão, Heráclides do Ponto, Aristóteles e Ptolomeu, entre outros, consolidaram essa miragem compreensível (porque baseada na nossa percepção costumeira do mundo), desafiada pelo minoritário Aristarco de Samos, cujo heliocentrismo será retomado, no século XVI, por Copérnico, sem menção ao seu formulador na era antiga. Sabemos como – unindo as concepções aristotélicas às cristãs, que, na Idade Média, herdaram parte da cultura do paganismo – Santo Tomás de Aquino solidificou ainda mais a ilusão de que o empíreo girava em torno da Terra. Isto fortaleceu, sem dúvida, o narcisismo de criaturas cristãs que passaram a crer na hipótese de que um Criador arquitetou um macrocosmo ao redor delas.

O geo-, o bio- e por fim o psiconarcicismo teriam que vir mesmo abaixo, com o avanço científico de que Copérnico se transformou num símbolo, seguido logo por Galileu, condenado pela Igreja por dar sequência lógica e experimental às ideias copernicanas. Tal avanço se fez, em geral, *contra as aparências* de a realidade ser assim ou de qualquer outro modo, desde que correspondesse consideravelmente ao mundo observado pelos nossos órgãos sensórios, correspondência logo generalizada em normas pela razão (aliás, com notável sucesso prático, não poucas vezes), o que passava a viver-se como algo *intuitivo*. (Mesmo o heliocentrismo copernicano será

invalidado, entretanto, pois irá descobrir-se que à roda do sol giram apenas alguns corpos celestes.)

O narcisismo cósmico foi ferido de modo mortal, sem dúvida, ao se (re)questionar o movimento ilusório dos astros em volta do nosso planeta, no quinhentismo. O antinarcisismo filosófico extremo *da área das ciências humanas*, que, no século XX, surgiu com a brilhante intervenção de Freud em 1916-17, também precisa ser golpeado, com a *crítica às aparências* de que o cosmo possua deveras um “padrão tridimensional”, como a passagem citada de Asimov assinala. *Não para regredirmos a uma concepção do sujeito pré-freudiana*, da espécie que volta e meia irrompe no horizonte intelectual, pouco (ou nada) perturbado em relação à sexualidade, mas nem sempre aberto ao inconsciente, fora das mesmas ciências humanas. Temos, porém, direito a uma noção de subjetividade que esteja mais de acordo com o que a física pós-newtoniana diz a propósito da realidade. (Tal física, afinal, está muitíssimo bem embasada em “pesquisas científicas”, para usarmos a expressão freudiana de “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”).

Precisamos de algo novo, que seja mais do que uma fantasia *science-fiction* ou, como vem ocorrendo faz tempo, auto-ajuda empacotada com a terminologia das ciências. Haja então o (contra-intuitivo) *cone de luz*:



Cone de luz do espaço-tempo (Figura 1)

Trata-se de um diagrama (um conjunto sógnico gráfico-linguístico)¹⁸ que representa, de maneira *simplificada*, as três dimensões do espaço e a dimensão de tempo, de coordenadas não independentes umas das outras. Tal diagrama é oriundo da teoria da relatividade especial ou restrita, lançada em 1905 por Albert Einstein e logo (1907) interpretada por Hermann Minkowski (antigo professor de Einstein) no sentido de um *continuum* espaçotemporal, sem precedente no quadro da física newtoniana.

Por não conseguirmos, com o nosso aparato sensorial, visualizar uma verdadeira realidade de quatro dimensões, aceitemos uma simplificação gráfica: apenas um *par* de eixos dispostos na horizontal (*X* e *Y*) representa as três dimensões *espaciais* (comprimento, largura e altura); um eixo vertical simboliza o *tempo*. Há, na verdade, dois cones no diagrama, unidos pelos seus vértices: o de cima retrata os eventos do futuro; o ponto em que os seus vértices se encontram é o presente, onde se acha o observador; o cone da parte inferior da figura vale pelos eventos do passado.

O ângulo de inclinação de 45° do cone decorre do fato de a luz viajar a cerca de 300.000 quilômetros por segundo no vácuo. A teoria da relatividade restrita exige que a velocidade da luz seja absoluta (invariante) para todos os observadores, o mesmo ângulo servindo para todos os cones luminosos ou eventos envolvendo o presente, o passado e o futuro deste ou daquele indivíduo no universo.

Se uma informação veio do *interior* do cone de luz do passado, atingirá o observador postado no ponto em que os vértices dos dois cones se encontram (presente).

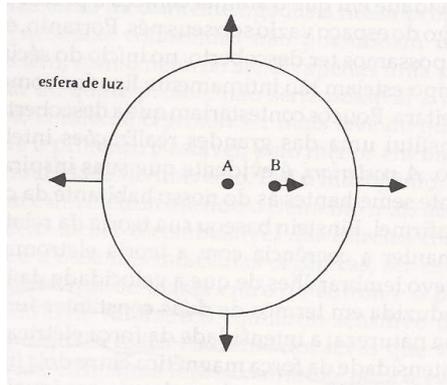
Se uma informação proveio do *exterior* do cone luminoso do passado, apenas atingirá o observador quando este se achar colocado num ponto que se situe *além* dos vértices onde os dois cones se encontram (um local no futuro).

Vejam os como o espaçotempo envolvido no diagrama revela os seus efeitos relativísticos. Uma boa explicação dessa espécie de fenômeno aparece no livro *Sem medo da física*, de Lawrence M. Kraus:

Imagine dois observadores [uma Sra. A e um Sr. B] em movimento relativo que passam um pelo outro no instante em que um deles está acendendo um interruptor de luz. Sairá uma concha esférica de luz em todas as direções para iluminar a noite. A luz se desloca com tanta rapidez que nós normalmente não temos consciência que ela leve qualquer tempo para sair da fonte, mas leva. A

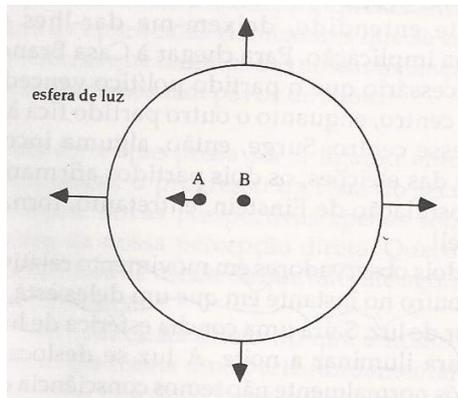
¹⁸ In: Itzhak Roditi, *Dicionário Houaiss de física*. Ilustrações de Veronica Françoise Teicher. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, 49.

observadora A, em repouso em relação à lâmpada, veria o seguinte logo depois de a luz ser acesa:



Esfera de luz da perspectiva da observadora A (Figura 2)

Ela [A] se veria no centro da esfera de luz, e o observador B, que está se deslocando para a direita em relação a ela, teria se deslocado um pouco no tempo que a luz levou para se propagar até a sua posição atual. As medições do observador B, por outro lado, revelarão que esses mesmos raios de luz que estão se deslocando para fora [da esfera de luz] têm a mesma velocidade fixa em relação a ele e, portanto, percorrem a mesma distância para fora em relação a ele, segundo a postulação de Einstein. Portanto, ele se verá no centro da esfera, e A se deslocando para a esquerda do centro.



Esfera de luz da perspectiva do observador B (Figura 3)

Em outras palavras, ambos os observadores afirmarão estar no centro da esfera. A nossa intuição nos diz que isso é impossível [embora seja verdadeiro, relativisticamente falando!]. [...]

[...] [Há um] absolutismo da velocidade da luz. [...] Não podemos estar *aqui* e *lá* ao mesmo tempo. A única maneira de descobrirmos o que está acontecendo *lá* agora é receber algum sinal, como um raio de luz. Mas se o recebermos *agora*, ele terá sido emitido então [...].

A relatividade nos diz que, na realidade, os observadores que estão se deslocando em relação um ao outro *não* podem sentir o mesmo *agora*, mesmo que ambos estejam *aqui* no mesmo instante.¹⁹

Leiamos também Roger Penrose a respeito do assunto, em *A nova mente do imperador*:

É conveniente, muitas vezes, descrever a luz em termos de *partículas* – chamadas *fótons* – e não em termos de ondas eletromagnéticas. [...] No espaço livre, os fótons viajam sempre em linhas retas com a velocidade fundamental *c*. Isso significa que no quadro do espaçotempo de Minkowski a linha-mundo de um fóton é sempre mostrada como linha reta com inclinação de 45° na vertical. [...]

Essas propriedades são válidas, geralmente, em todos os pontos do espaçotempo. Não há nada de especial sobre a origem [de propagação de um fóton]: o ponto *O* [do observador no presente] não é diferente de nenhum outro ponto. Assim, deve haver um cone de luz em todos os pontos do espaçotempo, com o mesmo significado que tem o cone de luz na origem. A história de qualquer raio de luz [...] está sempre ao longo do cone de luz em cada ponto, ao passo que a história de qualquer partícula material deve estar sempre dentro do cone de luz em cada ponto [...]. A família de cones de luz em todos os pontos deve ser considerada como parte da *geometria minkowskiana* do espaço-tempo.²⁰

Estas explicações tanto podem ser fastidiosas quanto fascinantes, dependendo da expectativa dos leitores. Perante as mesmas, uma coisa parece inegável, porém: em matéria de golpe cosmológico, o mandala freudiano paradoxal (por já colocar o ser humano numa situação de descentramento) perde um dos seus “círculos”, o mais amplo deles, aliás, pois, queiramos ou não, no presente da vida de cada um de nós, *estamos sempre no ponto central de um cone de luz, no espaçotempo de Einstein e Minkowski*. E um novo mandala surge aqui – ou melhor, *muitíssimos*.

Lemos as afirmativas de Lawrence M. Kraus. Por sua vez, o físico Luiz Carlos de Menezes assinala:

¹⁹ Lawrence Maxwell Kraus, *Sem medo da física*. Trad. Luiz Euclides Trindade Frazão Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1995, 113-116, destaques do autor. (As duas ilustrações aqui utilizadas são deste livro.)

²⁰ Roger Penrose, *A nova mente do rei: computadores, mentes e as leis da física*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991, 216-217, destaques do autor.

[...] Sobre o cone de luz, estão os fótons gerados no evento representado pelo vértice do cone. Os fótons são partículas de luz [...], que interessa aqui considerar por uma característica extrema: como têm a velocidade da luz, para elas o tempo não passa [...]. Se o vértice fosse o “Big Bang” e se detectássemos hoje um fóton “daquela época”, para nós teriam se passado bilhões de anos, mas, para o fóton, o universo começou naquele instante!²¹

Biografando Einstein, Jürgen Neffe ressalta:

Como as partículas de luz não se movem no tempo, mas com o tempo, podemos dizer que elas não envelhecem. Para elas o “agora” significa o mesmo que “eterno”. Elas vivem para sempre em seu instante²².

O “tempo não passa para os fótons” (Menezes); eles “não envelhecem” (Neffe); há um “absolutismo da velocidade da luz” (Kraus). Abram os olhos, portanto, bem os olhos para o sentido maior de tudo isto. Deveras, *primeiro* tiramos a coroa do geocentrismo e entronizamos o heliocentrismo, nenhum dos dois mercedores dessa majestade afinal, já que assentados em apenas três tridimensões, entre mais aparências. A teoria da relatividade restrita nos impõe *agora* (ou *há décadas!*) uma espécie de “fotocentrismo”, de caráter “hiperdemocrático”, numa geometria minkowskiana que abriga a família de todos os cones luminosos com os respectivos aqui-e-agoras de cada evento particular, para adaptarmos os termos de Penrose.

O que resulta do tremendo achado relativista de 1905 (Einstein) e 1907 (Minkowski) é um *modelo multicentrado* para os observadores do universo, humanos e não humanos.

Quanto ao “golpe biológico”, embora ainda seja muito cedo para extrairmos maiores conclusões a respeito, há algumas indicações de que a vida se vale de processos ligados a outra área da física moderna: não a relatividade, mas a mecânica dos *quanta*, como assinala o cientista Vlatko Vedral em “A vida em um mundo quântico”²³. (Apenas ressaltemos que ali, na esfera atômica e subatômica, as coisas se revelam ainda mais surpreendentes!)

²¹ Luis Carlos de Menezes, *A matéria: uma aventura do espírito*. São Paulo: Livraria da Física, 2005, 128.

²² Jürgen Neffe, *Einstein: uma biografia*. Trad. Inês Antonia Lohbauer. Barueri, SP: Novo Século, 2012, 183.

²³ Vlatko Vedral, “A vida em um mundo quântico”. In: *Scientific American Brasil*. São Paulo: n. 110, Ediouro Duetto Editorial, 30-35, julho de 2011. Ver também o ótimo artigo eletrônico: Osvaldo Pessoa Jr., “A nascente biologia quântica”, 02-07-2012 15:17. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vyaestelar/biologia_quantica.htm.

E o “golpe psicológico”? Sigmund Freud garantiu que o ego não é *senhor* sequer *em sua casa*, precisando contentar-se com poucas informações a respeito do que ocorre na psique inconsciente. Ora, por obra e graça do pensador austríaco, sem falar em diversas outras contribuições, parte dos seres humanos tem a seu dispor informações, de variados graus de cientificidade, que lhe permitam tentar lidar melhor (ainda que esta tarefa não seja fácil) com a alteridade interna, com os seus “labirintos” emotivos, para lembrar a outra metáfora arquetípica utilizada por Freud.

O traumatismo triplo sofrido pelo “narcisismo universal” pede um específico cuidado: algo que seja, em simultâneo, pós-traumático e pós-narcísico, ou melhor, não regressivo a respeito do que está correto, na crítica que acabamos de criticar.

Bem pe(n)sado tudo o que foi dito acima, não haver um centro psíquico em sentido clássico ou “cartesiano” (em que o ego fosse o *senhor* do nosso universo mental) é algo coerente com o fato de que o cosmo não apresenta, no final das contas, *um* centro situado num espaço de três dimensões, mas produz, a todo e qualquer momento (ou espaço-tempo) da sua história, uma *profusão* de centros criados pelos cones luminosos em que os observadores, relativisticamente falando, acabem por localizar-se (ou ser localizados), nas quatro dimensões em que lhes cabe existir, mesmo que não as percebam assim, na sua vivência cotidiana. Que aprendamos, portanto, com uma postura mais acurada do ponto de vista científico, a sair de cosmovisões superadas, sem recaídas em egocentrismos também perecidos.

A “casa” (sem “senhor”) a assumir-se é o universo, a realidade cada vez mais ampla que vamos conhecendo (mesmo ao ponto de colocar a Terra em risco, no processo!). O seu limite é luminoso, ao pé da letra: a luz, com os fótons que a compõem. Não somos mais especiais do que os outros componentes do cosmo, mas somos, relativística e quanticamente considerando, tão especiais quanto esses mesmos componentes, pois aqui nenhum deles é irrelevante, se atentarmos bem para a física moderna, não para os atuais volumes de auto-ajuda (ou os de autodepreciação datada).

Em suma: pensemos num *universo quadridimensional multicentrado*, sim, algo que *nos centra* a todo o instante – um cosmo com excesso de centros...

2. Abordagem de dois herdeiros (bem diversos) da problemática freudiana

Esperamos ter evidenciado que as reflexões de Freud, das quais deriva muito da ideia de descentramento, têm como um dos seus três suportes uma visão física do cosmo: a de Copérnico (e de seu precursor Aristarco), que foi absorvida pela mecânica de Newton, a qual, por sua vez, foi revolucionada pela teoria da relatividade, no que diz respeito a alguns aspectos decisivos, entre os quais o tempo e o espaço tridimensional, transformados num espaçotempo de quatro dimensões.

A concepção de descentramento desenvolveu-se no âmbito do estruturalismo e do pós-estruturalismo franceses, em especial por Jacques Lacan e por Jacques Derrida (neste bem explicitamente). Tal concepção continua causando impacto no terreno das ciências humanas, a julgar pela quantidade de material que se pode ler, em termos de textos impressos ou postados na *Internet*.

Quanto a Lacan, apesar de a sua produção ser a de um psicanalista (notoriamente *inovador*, que, por igual, preconizava um *retorno* a Freud), ela carrega implicações filosóficas consideráveis, pois ali o sujeito humano é visto a partir da perspectiva de um inconsciente que o ego cartesiano (o célebre “eu do *cogito*”) não consegue dominar, disto resultando uma subjetividade não centrada na consciência, noção que acatamos, mas com restrições: não nos parece mais aceitável que, para a defesa teórica desse tipo de sujeito (ou psique), se permaneça atado a uma visão física do universo (a “revolução dita copernicana”²⁴) que se tornou obsoleta, embora ainda siga parecendo evidente para muitos; julgamos que o referido ideal de sujeito deva ser repensado, *matizado* ao menos, a partir do que a ciência moderna do cosmo tem a dizer-nos, em especial no que concerne ao modelo multicentrado (envolvendo cada ponto do espaçotempo) que, com a ajuda dos textos de Kraus e Penrose, buscamos explicitar. Alguma coisa não combina, não vai bem conceptualmente, quando colocamos frente a frente um sujeito (*tão-só*) descentrado e um cosmo produtor de múltiplos “cones de luz”, nos quais, a cada momento, o mesmo sujeito se acha no ponto central de um processo, no espaçotempo de Einstein e Minkowski, quer tenha ou

²⁴ Cf, Jacques Lacan, “A instância da letra do inconsciente ou a razão desde Freud”. In: Eduardo Prado Coelho, *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Trad. Maria Eduarda Reis Colares et al. Lisboa: Portugalíia, 1968, 257-288, esp. 279-281.

não consciência de tal fato²⁵. Esta derradeira consideração não nos soa mais esdrúxula do que continuar enxergando com olhos copernicanos (e newtonianos) o que requer uma visão de maior abrangência, menos óbvia ou convencional (ainda que à disposição dos interessados faz um tempo considerável, medível já em décadas).

Mais do que a já complexa de Lacan (da qual extraímos o mínimo aqui necessário), a reflexão de Derrida sobre o descentramento aparece carregada de aspectos que concernem à filosofia (não fosse o autor franco-argelino alguém de tal área!). Muito difícil de sintetizar, também, pois, enquanto produziu, o prolífico Derrida, em coerência com o seu percurso de “desconstrução”, desenvolveu estratégias de estilo ou de escrita nada facilitadoras de sínteses do seu sofisticado pensamento, o que se tornou uma das suas heranças filosóficas marcantes, bem vistas por uns, desdenhadas por outros (e entre os segundos não nos postamos, o que não implica aceitarmos tudo o que ele assinou). Apesar de tal dificuldade, em 1976, quando a obra derridiana ainda contava com um número pequeno de títulos (embora já fundamentais no seu trajeto, como *Gramatologia* e *A escritura e a diferença*), Silviano Santiago publicou *Glossário de Derrida*, elaborado em colaboração com vários dos seus alunos de pós-graduação da época. Neste pequeno dicionário utilíssimo, os leitores encontram o verbete “Descentramento” e correlatos. Examinando-os em cotejo com o famoso artigo (de 1966) “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” (*final* de título *sintomático*, que retomaremos)²⁶, os leitores mencionados poderão escrever os seus próprios textos sobre o assunto, o que não tem deixado de ocorrer, dada a fortuna em torno de tal escrito de Derrida.

No volume supervisionado por Silviano Santiago, notamos que o descentramento, tal como aparece na obra do pensador franco-argelino,

²⁵ Pontos intrigantes a serem considerados, numa reflexão que trate da questão mente-matéria, para além de qualquer cartesianismo: a luz interage com a matéria – e desta somos feitos; o nosso cérebro é eletromagnético – e o eletromagnetismo tem como base a luz (os fótons); também as células dos nossos corações atuam por meio de atividade elétrica – de novo a problemática da luz. Tudo isto dá bastante o que pensar, em termos de física e subjetividade.

²⁶ Neste artigo, o termo “descentramento” aparece de modo explícito. Cf. Jacques Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. In: Eduardo Prado Coelho, *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Trad. Maria Eduarda Reis Colares et al. Lisboa: Portugalia, 1968, 101-123, esp. 104 e 112. (Tal artigo foi primeiro apresentado como conferência, proferida por Derrida em Baltimore, em 1966.)

além de apresentar-se como uma prática de “leitura intertextual”, opõe-se “aos conceitos clássicos de estrutura *centrada*, *origem* e *presença*” e que “a atividade interpretativa” faz-se “eliminando-se qualquer referência a um centro, a um sujeito”, tudo isto no preciso verbete “Descentramento”²⁷, ao qual convém percorrer em paralelo com o relativo à “Desconstrução” (por coincidência – ou ordenação alfabética – na página seguinte do *Glossário*), onde se postula que a “leitura desconstrutora” (ou “leitura descentrada”) tem como “proposição radical” a de “anulação do centro como lugar *fixo* e *imóvel*”²⁸.

Neste passo, alguns pontos decisivos se deixam reter, em termos da problemática ora abordada.

Um primeiro ponto: o descentramento diz respeito a uma explícita, forte prática de *leitura*, uma das marcas da atuação de Derrida no âmbito da filosofia. Leitura envia a *textos*, a *signos*, a *escritura*, aos quais o pensador, como se sabe, deu enorme atenção, analisando as obras alheias com uma consideração extrema não apenas aos seus significados, mas por igual aos seus detalhes gráficos, aos pés-de-página, às comas, até aos “brancos” do papel (admirador de Mallarmé que ele também era), os quais deveras significam – e às vezes bastante! Eis outro dos seus legados, das suas perícias (que foram também as de vários autores ligados ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo, mas que na sua pessoa encontraram um dos praticantes mais espantosos). Se, por exemplo, lançássemos um olhar derridiano ao presente artigo, ressaltaríamos a sua “textualidade”, mesmo nas páginas em que nos valem de diagramas, como o do cone de luz – e nada garante que os mesmos não pudessem ser alvos de uma “leitura desconstrutora”, signos gráfico-linguísticos que são... Do que duvidamos é que algum executor de tal leitura – entendida esta tão-só em termos de um “discurso” feito no interior das fronteiras das “ciências humanas” (cf. o sintomático final do título do artigo de Derrida citado mais acima) – conseguisse efetivamente “desconstruir” a ampla problemática espaçotemporal do cone de luz relativístico, oriundo de uma ciência como a física, a qual traz na sua bagagem, além da carga conceptual, tanto a matemática (uma forma de escrita, sim, ainda que mais do que apenas “alfabética”) quanto a experimentação (reti- ou ratificadora). Levemos a sério que, de um ponto de vista estritamente filosófico, alguém possa perceber

²⁷ Silvano Santiago, *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, 17, destaques nossos.

²⁸ Silvano Santiago, op. cit., 1976, 18, destaques nossos.

inconsistências importantes numa teoria científica, mas, para invalidá-la por completo, precisará de outro *corpus* científico (às vezes, inclusive, de um novo paradigma de ciência), e a relatividade restrita (para não mencionar a geral) de Einstein vem sobrevivendo quer às postulações concorrentes, quer aos experimentos que testam a sua validade²⁹. Se tudo isto for visto como um “texto”, um “constructo complexo”, eis um que não se tem deixado desconstruir, com o seu cone de luz, o qual nos induz a pensar numa centralidade cósmica *plural* que diz respeito a muitas coisas do universo.

Um segundo aspecto do *Glossário de Derrida* citado concerne à “anulação do centro como lugar fixo e imóvel”. Ora, lemos em Penrose que o ponto de propagação de um fóton *nada apresenta de especial*, em relação a outro ponto. Assim, por certo, tanto em termos do filósofo quanto da relatividade restrita, não haverá centro “*fixo e imóvel*” (pois a luz se propaga, comportando-se como um limite para as demais propagações ao longo do espaçotempo ou cone luminoso quadrimensional), embora pareça inegável que produza efeitos de *multicentramento*, “famílias de cones de luz” (nas palavras já referidas de Penrose). Este último é elemento que conduz à discordância nossa em relação a um item importante de Derrida (afinal, um dos criadores da concepção de descentramento, talvez até lançador do termo), tal como não conseguimos concordar com Freud e Lacan páginas acima, deslocando-nos para o interior da área denominada filosofia das ciências, para além do campo das humanidades (ainda que em diálogo com estas, claro).

“A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, ou o texto assinado pelo próprio Derrida, substitui o trio “Nietzsche, Freud e Marx”, de Foucault, por “Nietzsche, Freud e Heidegger”, como “nomes próprios” de autores cujas obras produziram o descentramento que o filósofo da desconstrução veio explicitar: a “crítica nietzschiana da metafísica, dos conceitos de ser e de verdade [...]”; a crítica freudiana da presença a si, [...] da consciência do sujeito, da identidade a si, da proximidade ou da propriedade de si; e, mais radicalmente, a destruição heideggeriana da metafísica, da onto-teologia, da determinação do ser como presença³⁰. O autor que mais impulsionará a reflexão derridiana de 1966 será, entretanto, um quarto: o

²⁹ O que não garante que ela siga incólume no futuro, até mesmo imediato. O século XX deixou claro que nenhuma teoria tem tal garantia, com as suas tremendas revoluções científicas, como as duas relatividades de Einstein (1905 e 1916), as quais poderão vir a ser revolucionadas, por sua vez. Se o forem, apostemos que o serão, necessariamente, por teorizações ainda mais espantosas.

³⁰ Jacques Derrida, op. cit. na nota 26, 1968, 104.

etnólogo Claude Lévy-Strauss, com as implicações estruturalistas da sua obra.

Lendo os trabalhos do antropólogo, Derrida distingue uma visão clássica da concepção de estrutura e uma visão nova, a do estruturalismo de então (novidade que, depois, irá tornar-se importante para os que se enxergarão como pós-estruturalistas). A estrutura clássica teria sempre um centro, e a história se encarregaria de substituir esse centro por outros (nada menos que “essência, existência, substância, sujeito” e ainda “transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.”³¹). Como lugar privilegiado, o centro furtar-se-ia, contudo, ao jogo combinatório e à permuta de elementos, típicos da sua estrutura maior: ele assim escaparia à estruturalidade que comandaria. Após as produções de Nietzsche, Freud e Heidegger, o que o estruturalismo lévy-straussiano questionava, segundo Derrida, era a necessidade de existência dessa espécie de centro. Um fator decisivo para tal questionamento foi o interesse de tal estruturalismo pela problemática dos signos, sobretudo por causa do impacto da reflexão de Ferdinand de Saussure a respeito dela. De fato, a linguagem, que, desde cedo, fez parte das preocupações do pensamento ocidental (e não só), passou a ser um dos temas filosóficos importantes da época – e um signo, ao estar no lugar de algo, não é exatamente uma presença, um centro do que quer que exista.

Lendo o trabalho de Derrida (que ora segue, ora critica Lévy-Strauss, como era o seu costume), é impossível não admitirmos, por nossa conta, que muito dos elementos do mundo em que vivemos não parecem mesmo apresentar centros: a história humana, os mitos, as línguas, os demais sistemas de signos, os signos que não formam sistemas, as culturas, a própria vida... – e assim por diante. Mas a lista não terá um limite, *por maior que ela seja?* Antes de retomar a questão do espaço-tempo relativístico, com o seu cone de luz, vejamos a seguinte passagem do texto derridiano, concernente à “pesquisa” efetuada por Lévi-Strauss a respeito dos mitos: “Com efeito, o que parece mais sedutor nesta pesquisa crítica de um novo estatuto é o declarado abandono de toda referência a um *centro*, a um

³¹ Jacques Derrida, op. cit., 1968, 103. Críticos de Derrida poderiam dizer que, nesses centramentos que ele critica, tudo – da “essência” ao “etc.”, passando pelo “sujeito” e pelo “homem” (até “Deus!”) – foi, afinal, nivelado, sem consideração pelas diferenças históricas, histórico-filosóficas, envolvidas nos termos. Defensores dele contra-argumentariam lembrando que, apesar de tais diferenças, a noção de centro se manteve para esses termos na história (européia) da metafísica, o que geraria novos ataques dos detratores, etc.

sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta”³².

Sabemos: a “pesquisa crítica” visada é mesmo a do autor de *O pensamento selvagem* e mais livros influentes. A passagem em causa tornou-se consideravelmente citada, não poucas vezes deixando-se em segundo plano, todavia, a referência efetiva que ela faz à produção de Lévi-Strauss (ironia involuntária dos seguidores do filósofo da desconstrução? ato falho?)³³. Como se o importante no trecho (o seu sentido *privilegiado*) começasse no passo “o abandono declarado de...”. Vimos M. Kraus referir-se ao “absolutismo da velocidade da luz”, num contexto teórico em que tempo e espaço se tornam conceitos relativísticos, dos quais a significação do absoluto foi, pois, descartada, o que é algo compatível como uma “leitura desconstrutora”; todavia, há no referido contexto precisamente o desafiante “*absolutismo* [invariância] da velocidade da luz” (recaída na metafísica? ingenuidade do “cientificismo”?)... O inegável é que a luz possui várias características espantosas: mostra-se uma limitação para o que ocorre no espaçotempo; revela-se um fator decisivo na famosa equação relativística $E = mc^2$, que trata da “equivalência” entre massa (m) e energia (E); quiçá os seus fótons não envelheçam; apresenta um comportamento estranho, a dualidade onda-partícula, ou seja, exibe predicados *contraditórios* (onda é algo que se espalha, partícula é algo que se localiza com mais precisão³⁴), o que nos conduz ao terreno da mecânica quântica, fora da alçada do artigo presente... Difícil, portanto, não notar a luz como *uma* das “referências privilegiadas” do universo, embora não a “origem” dele³⁵. Conforme afirmamos em relação a Lacan, algumas coisas precisam ser *matizadas* aqui,

³² Jacques Derrida, op. cit., 1968, 112.

³³ Aqui não esqueçamos: a pesquisa de Lévi-Strauss em tela dizia respeito à mitologia, ou seja, uma área em que, por causa da criação coletiva, anônima, dos seus produtos, potencialmente incessante, é mais fácil trabalhar com o abandono das referências citadas por Derrida. Não por acaso a mesma área foi uma das que mais serviram a C. G. Jung na elaboração do seu conceito de “inconsciente coletivo”.

³⁴ A estranha dualidade onda-partícula (da luz como da matéria) é algo que faz lembrar a reflexão de Derrida. Em que aspecto, mais precisamente? Na sua postura de pôr em questão, a identidade pressuposta nos conceitos herdados da tradição, bem como a noção de presença (na qual não se encaixa bem a referida dualidade). Em tal sentido, Derrida é um filósofo tremendamente contra-intuitivo, adjetivo que somos obrigados a assimilar também no trato com as relatividades e o *quantum* da física moderna.

³⁵ Se existe uma “origem” do cosmo, ela é o que os cientistas chamam de singularidade, algo em que o espaçotempo não “funciona” mais, uma condição da qual praticamente nada se sabe.

nesta versão do descentramento. Quanto aos referidos “centro” e “sujeito”, o que já dissemos implica que (apenas por ora?) não temos condição de *abandonar* tais noções de todo, ou ao menos não a primeira delas.

Baseada em parte no cone de luz relativístico, a trama do universo não deve ser a de “algo” com um centro, mas a de um “objeto” descomunal (talvez finito, porém ilimitado) com centros múltiplos e incessantes. Supomos que o modelo quadrimensional minkowskiano, que envolve a noção de centro(s) dessa maneira infundável e multiplicadora (enquanto a luz se propagar pelo cosmo), escapa à desconstrução derridiana da ideia de centro, sem prejuízo de tal desconstrução ser *válida para muitas coisas*. Nesse modelo, que se diagramatiza como o cone de luz, os centros *não* organizam a totalidade em movimento que é a estrutura do espaço-tempo. Não a comandam. Eles é que são estabelecidos pelo referido cone.

3. Observação final

Efeito curioso, até mesmo perverso: repetidos como “mantras” os enunciados sobre o descentramento, ou apenas parafrazeados pelos herdeiros ou partidários dos três célebres autores (o que não deixa de ser uma forma de repetição – ou iterabilidade, como diria Derrida), num processo de reificação linguística eles adquirem um valor “absoluto”, alcance genérico ilusório, funcionando como uma falsa tautologia, com um potencial de aplicação irrestrita que, de fato, não possuem. Diluem-se e, em simultâneo, ganham um *status* de verdade superior, inquestionável, fazem-se “clássicos”, por um imprevisível oximoro começam a funcionar como um novo “centramento”, numa “neometafísica”, conforme, aliás, pode ocorrer com quaisquer outros produtos sógnicos da tradição que herdamos – “cones de luz” aqui incluídos, é óbvio, embora estes careçam de maior divulgação, o que nos leva ao derradeiro item.

Ao término do presente artigo, gostaríamos de lembrar que, em 1959, C. P. Snow lançou o importante ensaio *As duas culturas*³⁶. Nele, o autor (não por acaso físico e romancista) tratou da distância crescente entre as ciências naturais e as humanidades: intelectuais de um campo passaram a ignorar as conquistas dos intelectuais do outro e vice-versa, criando-se um abismo lamentável entre os dois setores.

³⁶ C. P. Snow, *As duas culturas e uma segunda leitura*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Parte considerável dos integrantes das ciências humanas aceita a concepção de descentramento sem questioná-la em nada, recitando-a ou apenas efetuando paráfrases (“traduções” boas ou ruins, não importa aqui) do que os seus criadores propuseram. A maioria esmagadora dos físicos aceita os cones de luz oriundos de Einstein e Minkowski, nos quais não se pode negar que a noção de centro tem importância, algo que se revela ainda mais relevante quando sabemos que tais estruturas físicas são “válidas, geralmente, em todos os pontos do espaço-tempo”, para retomar outra vez as palavras de Penrose. Pertencendo o redator do texto presente ao terreno das humanidades, ele procurou contribuir, na medida das suas possibilidades, para o que o próprio Snow anteviu como o surgimento de uma “terceira cultura”, apenas quatro anos depois da publicação do seu trabalho de 1959.

Em nosso terceiro milênio, não será desejo desmedido querer colaborar com os esforços que levem em conta as possíveis conexões do sujeito humano em particular (corpo e psique, tanto consciente quanto inconsciente), e da vida em geral, com o restante do universo: as ligações da nossa condição, e da dos demais seres vivos, com o que as ciências naturais e físicas vêm descobrindo a respeito da matéria e da estrutura da realidade, a qual requer ser entendida em sentidos micro e macrocósmico, e *não apenas* em termos de “mesodomínios” sociais, históricos, antropológicos, etc., newtoniamente localizados (ou com ênfase na separação física das coisas). As conquistas dessas ciências (teorias da relatividade e física quântica, sobretudo) precisam ser mais assimiladas pelas humanidades, sem desrespeito pela lógica das suas elaborações, nem tratamento delirante das suas descobertas³⁷.

³⁷ Cf. Alan Sokal, Jean Bricmont, *Imposturas intelectuais: o abuso das ciências pelos filósofos pós-modernos*. Trad. Max Altman. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001, passim.